

## O TEXTO E A NUTRIÇÃO: CORPOS QUE (SE) COMEM

Patrícia de Souza Campos Silva

Mestranda em Teoria Literária, UFSC

“O mais apetitoso sabor da carne humana pertence ao comedor desta carne.” (ÍTALO CALVINO)

“Nem uma coisa, nem outra. O estilo gradua-se proporcionalmente ao tema. Estilo representativo de uma idéia, estilo representativo de uma sensação.” (RAUL POMPÉIA)

“*Brain Storm*”. Descontrole e liberdade são duas palavras que vêm a este cérebro em tempestade, quando reflito sobre o texto de CLARICE LISPECTOR (C.L.) em *A Descoberta do Mundo* (1984). Este aparente antagonismo diante dos dois termos suscitados a partir do texto indica que o mesmo queira livrar-se das amarras do gênero literário convencional ( crônica, conto, etc.), sair do lugar comum, tornar-se tempestade:

“...Se eu pudesse escrever sempre assim como estou escrevendo agora eu estaria em plena tempestade de cérebro que significa ‘brain storm’ (...). Bem sei que terei que parar, não por causa da falta de palavras, mas porque estas coisas e sobretudo as que eu só pensei e não escrevi, não se usam publicar em jornais”.(p. 376)

No entanto, dois limites impõem-se neste processo de produção

textual : o do corpo, que tem no cérebro os mecanismos físicos para pensar, mas que conecta e desconecta idéias sob certas reações; e o limite da censura internalizada, onde coisas se pensam e não se escrevem, ou mesmo publicam-se em jornais, para usar a expressão de C.L.. Tratarei destes limites dentro da problemática que chamarei de “corpo biológico” e “corpo intelectual”, respectivamente, assumindo assim, um caráter intratextual na obra da escritora. Estas faces do corpo (se) comem nos textos clariceanos, numa possibilidade de alimentação da produção e da leitura textual. Os textos são, então, alimentos da obra e alimentados por ela. Neste ponto, texto e nutrição encontram-se num ato comum de nutrir e ser nutrido, criando textos multifacetados e “tempestuosos”, porque excedem os limites de um corpo simbólico.

Ao ler *Água Viva* de C.L., vê-se que a ânsia por liberdade, que caracteriza o texto “brain storm”, não é única. Trata-se de um texto descontrolado, que quer ser livre, tempestuoso.

“Agora vou escrever ao correr da mão : não mexo no que ela escreve. Esse é um modo de não haver defasagem entre o instante e eu : ajo no âmago do próprio instante.” (CLARICE LISPECTOR, 1980, p.58)

Em “Por Enquanto”, incluído em *Via Crucis do Corpo* (1984a), a tempestade se repete. Há uma “luta” entre o corpo intelectual e o corpo biológico. Isto pode ser percebido através da passagem, quando não se tem “nada o que fazer”, resta o trivial das necessidades físicas. Resta o resíduo do corpo biológico, o “pipi”. Diante disso, o corpo intelectual está retraído, embora não desapareça, pois reflete sobre a condição física que se impõe. E em meio a isto, eis que surge o corpo social, como intruso que limita ambos

os corpos do ser. Revelado por detrás da “comida” que envolve reunião familiar, e a festa de aniversário, o corpo social subjuga as outras “faces” do corpo do ser. Neste caso, o alimento serve de pretexto para que o corpo social manifeste-se e atinja o corpo físico, e concomitantemente o intelecto em seu aspecto biológico-cerebral. Após esta intromissão do social, vem a constatação : o trabalho do escritor é um trabalho solitário e que gasta energia do corpo. Assim, conclui-se que o corpo precisa comer. Este comer para manter a vitalidade corporal expande-se tanto para o alimento propriamente dito, composto de nutrientes que estabelecem reações físico-químicas no corpo biológico, como para o corpo intelectual no plano das idéias e do prazer estético: nutrição como música e literatura. Esta perspectiva de alimentar-se pela arte pode ser lida em *Água Viva* (LISPECTOR, 1980), quando há uma busca por produzir um texto onde as palavras produzam “gosto”, provoquem sensações :

Já comi geléia de rosas pequenas e escarlates : seu gosto nos benze ao mesmo tempo que nos acomete. Como reproduzir em palavras o gosto ? O gosto é uno e as palavras são muitas” (p.51).

No entanto, segundo o texto “Por Enquanto”, existem meios de comunicação de massa que não alimentam, ao contrário, morre-se diante deles, em especial, da televisão. Isto porque o papel do espectador seria o de observar um trivial onde não se encontram novos sabores, ou nutrientes, capazes de despertar o apetite, produzindo efeitos sobre o corpo intelectual.

Em entrevista publicada por WALDMAN (1992), C.L. diz :

Maria Carlota, como eu gostaria de escrever alguma coisa que me desse a mim mesma e aos outros. Ela respondeu: A senhora está

comendo pouco, assim não pode escrever. Então eu disse : Me dê alguma coisa pra comer. Ela deu, eu comi (...) As vezes escrevo como quem dá de comer a mim e aos outros, igual ao que você fez comigo. (p.20, 21).

Para C.L. o processo de produção textual deve servir de alimento ao escritor e aos leitores. Para tanto, deve passar pelo processo de alimentação de quem o irá produzir.

Assim, textos são alimentos de leitura e alimentados pela mesma, ou seja, são ao mesmo tempo ingredientes e refeição. No que se poderia chamar de um tratado introdutório sobre o gosto na modernidade, *Fisiología del gusto*, BRILLAT-SAVARIN (1978), reforça esta ligação entre a alimentação e a produção textual :

En efecto, después de una comida bien entendida, el cuerpo y el alma gozan de un bienestar singular.

En cuanto al físico, al mismo tiempo que se refresca el cerebro, se anima el semblante, se aviva el color, brillan los ojos, un dulce calor se extiende por todos los miembros.

En cuanto a lo moral, se agudiza el ingenio, se calienta la imaginación, nacen y circulan las ocurrencias... (p. 124)

Neste livro, o autor compara as línguas à champanhe, que apresentam um significado posterior, ou seja, que conteriam um retrocesso de sentido de onde nasce a literatura. O efeito seria então a excitação e o entorpecimento. A sensação gustativa se desenvolve um pouco ao modo de um relato, temporizado. Enfatiza ainda que o prazer de comer exige ao menos apetite.

Este por sua vez pode diferenciar-se em apetite natural, onde a questão primordial é a sobrevivência, e o que representaria luxo, pois é o apetite derivado do desejo, que, então, distinguiria o homem, do animal. Assim, a comida seria um deleite interno. Neste caso, diria então que o gosto, está compreendido entre os cinco sentidos, mas que se difunde por todo o corpo, numa onda de prazer. O prazer de comer reflete-se em todo o corpo e conseqüentemente na produção textual.

A imagem da comida como texto e a voracidade encontram-se em muitos textos de C.L., como, por exemplo, em *A Paixão Segundo G.H.* (1988), quando a protagonista compara o espaço do quarto da empregada a um estômago vazio, ao corpo biológico, ou seja, um lugar que aguarda e precisa de comida, que provoca a sensação de fome e que, por isso, produz texto, entrando no âmbito do corpo intelectual. Aí dialogam os corpos-textos de C.L., na produção textual. Mais adiante, quando depara-se com a barata, G.H. reconhece no animal o símbolo da resistência, de um ser que sobrevive com pouca comida, ou melhor, que acha alimento por onde passa, o que estabelece a relação com o corpo social para alimentar-se biológica e intelectualmente. E, num ato canibal de apropriar-se desta capacidade (antropofagia), G.H., em sua fome de “outro”, quer comungar profanamente, quer comer a barata ao mesmo tempo em que se sente comida por ela, partindo do que é i-mundo.

“...eu comi a vida e fui comida pela vida”(p.77).

É importante salientar que a antropofagia de C.L. é diferente do que era manifestada por OSWALD de ANDRADE. Isto por que a antropofagia de C.L. é na verdade uma via de mão dupla, onde devorador e devorado trocam de papéis, e com isso, alimentam-se mutuamente. Isto também pode

ser evidenciado no texto “Uma Galinha”, incluído em *Laços de Família* (1991). A galinha, prato principal do almoço, ao mostrar sua capacidade de gerar vida, passa a ser encarada de outra forma, ao invés de alimento torna-se objeto de adoração, por isso decidem preservá-la. No entanto, após certo tempo, esquecida a sua capacidade produtora, o animal volta a tornar-se alimento em potencial, e é por fim devorado. O caráter devorador da antropofagia oswaldiana possibilitou que os textos do passado, alimentos ricos para futuras produções, pudessem ser incorporados através do canibalismo à literatura propriamente dita e que fossem assim desarquivados. O modernismo foi como diz LÚCIA HELENA (1983), “um veto radical ao conservadorismo artístico-social e uma relativização de valores” (p.96). Assim, o valor institucionalizado de literatura como arte sagrada se rompe, “a ‘boca antropofágica’ deglute todos os signos-emblemas da cultura oficial e se faz porta-voz de um signo novo, não transcendentalizável, que anuncia uma alegoria corrosiva” (p.99). A arte passa a ser auto-reflexiva sem precisar onde termina o modernismo e começa o pós-modernismo. O texto de C.L., por sua linguagem dialógica, embora nos conte a história do avanço da literatura no sentido de alcançar o modernismo, nos diz que “passaram-se os anos”<sup>1</sup>.

Neste sentido, o texto de C.L. coloca-se fora desta linha de produção, apesar de reconhecer sua significativa importância, no sentido de desacomodação dos cânones e produção de novas possibilidades de escritura. No entanto, sua escritura não aponta para a ruptura radical, nem para um futuro promissor, mas sim abre portas para a leitura intertextual entrando no contemporâneo, onde convivem todos os tempos.

No texto “A Menor Mulher do Mundo”, também publicado em *Laços de Família* (1991), esta “pequena flor” ao fugir para não ser comida por uma

tribo de canibais vizinha, acha seu “salvador” no antropólogo que a coloniza e transforma em objeto exótico e um bem de valor exploratório. Este exótico torna-se texto, em páginas de jornais e revistas, e cada leitor a seu modo reage à leitura do mesmo. Esta leitura desperta a criação de outros textos. Assim, neste caso, o alimento torna-se palavra e, por sua vez, o texto pode ser devorado, ou servir de alimento a outros.

Nas notas do explorador, “pequena flor” sobrevive sob a forma literária, não como objeto artístico para ser arquivado, mas como potencialidade criadora de novos textos.

Aí temos a palavra como alimento, a literatura se alimentando do cotidiano, do intertexto e tornando-se mais profunda em sua relação interna, auto-reflexiva. Além disso, em “A Menor Mulher do Mundo”, o corpo se transforma pelos olhares e pela gestação, ou seja, corpo intelectual e biológico mudam sob a observação do corpo social.

Em “Preciosidade”, parte de Laços de Família (1991), ocorre a transformação do corpo da menina moça. Neste texto temos uma menina-moça, em fase de desenvolvimento, a caminho de tornar-se mulher. No processo, como não poderia deixar de ser, a alimentação assume certa relevância, do ponto de vista do desenvolvimento físico. Seu bom apetite, promovido fisiologicamente, garante seu processo de engorda para enfrentar o amadurecimento. Mas também, alimenta-se de sua vivência, do mundo “...assim como uma pessoa engorda, ela deixou, sem saber por que processo, de ser preciosa.” Ou seja, é uma menina que engorda para tornar-se mulher. Seu corpo biológico muda justamente com a perspectiva social que este assume. E com isso, os processos intelectuais alteram-se, perdendo a

preciosidade de um texto livre das amarras sociais.

Este processo de engorda nos textos clariceanos acaba, por vezes, significando saturação, ou como disse anteriormente, perda da preciosidade. A liberdade de apropriar-se do mundo, dada pelo frescor da juventude, é primordial em um texto que se pretende passível de múltiplas leituras. O processo de alimentação do escritor-leitor não deve alcançar o limite da saciedade, seu apetite deve sempre estar aguçado, para que perceba quando o alimento está em suas mãos. Neste sentido, C.L. escreve, em Para Não Esquecer (1978), o texto “A Arte de não ser voraz”

“- Moi, madame, j’aime manger juste avant la faim. Ça fait plus distingué.” (p.54).

Por outro lado, pode-se ler o mesmo texto com um toque irônico, onde a receita burguesa de comportamento da mulher diante da comida é rompida pelas personagens de C.L., que mostram voracidade, e onde o próprio corpo excede-se em fome e desejo :

“Comia como um centauro. A cara perto do prato. os cabelos quase na comida.” (LISPECTOR, 1991, p.107).

Desta forma, o texto clariceano transgride neste jogo de carência e voracidade do corpo biológico em contra-ponto com o corpo social, através da tempestade do corpo intelectual provocada no próprio texto.

No entanto, C.L. não abandona totalmente o corpo social em seus textos e nos diz, em “Por Enquanto”, que na vida há muito alimento para o processo da escritura, mas há também uma destruição, ou seja, o real do cotidiano não alimenta (televisão). Assim, cultura de massa é esvaziamento,

quando se morre na perspectiva do texto de C.L.. O que alimenta é o que sai da vivência diária para penetrar no sensorial tempestivo e dele extrair os temperos para o processo de produção textual.

Ana em “Amor”, publicado em *A Imitação da Rosa* (1973), vive o trivial de ver os ovos quebrados no chão, mas ao mesmo tempo, a experiência da vida se espalha causando impactos em seu corpo intelectual. Isto torna-se objeto de sua refeição : ela prepara a refeição com os ovos que sobraram inteiros, a fim de saciar sua fome biológica, sem esquecer-se da vida que verteu dos demais. Isto, associado ao tempero da experiência da vida, alimenta o processo de escritura do próprio texto, nutrindo o corpo intelectual. Assim, a partir da percepção do corpo social, o biológico e o intelectual alimentam-se, produzindo textos.

Em *Via Crucis do Corpo* (1984a), “Dia após dia”, C.L. também produz um texto tipo “brain storm”. O mesmo inclui data, doença (medo de câncer), encontros e desencontros humanos, ou seja, tece-se no emaranhado do corpo social. Por outro lado, o texto diz que a obra, enquanto produto final, não significa, o que importa é o processo que acaba por produzi-la. Aí fica evidente um desprezo por este corpo social e valorização do intelectual, embora reconheça sua influência, assim como a do corpo biológico. Se o que é significativo é o prazer provocado durante a tempestade, obviamente a crítica literária também não importa à escritora, vindo à tona o corpo biológico como ela mesma diz : “...ainda estou viva”, isto é o que importa. Assim, estabelece-se a relação escrever-comer-viver no texto clariceano a fim de manter a vitalidade e caminhar na “Via Crucis do Corpo”.

Em “A procura de uma dignidade”, incluído em *Onde Estivestes de Noite* (1992), há um corpo (biológico) velho cuja mente (corpo intelectual) ainda não está pronta, ou seja, que precisa alimentar-se. O texto fala de uma

busca de cultura, onde o cérebro não envelhece. Ao contrário do corpo biológico, precisa de comida para nutrir-se e produzir textos:

Tinha o cérebro oco, parecia-lhe que sua cabeça estava em jejum.

(p.13).

Neste caso, o texto diz que “saber” é a saída do labirinto, o emaranhado do corpo social, e que ao mesmo tempo em que ocorre esta busca pela nutrição do corpo intelectual as letras se perdem no labirinto, assim como sinônimos se perdem no dicionário caleidoscópico. A saída do corpo velho e/ou perdido no emaranhado das letras é saciar o desejo, é saciar a fome, é comer, é saber.

Em “A Solução”, publicado em *A Legião Estrangeira* (1992a), ocorre um contraste estético entre Almira e Alice, sendo que a primeira é gorda, sensível e capaz de exceder-se, e a segunda é magra e fria. Vê-se na gorda uma avidez por comida, associada a uma fome de vida e companhia, uma voracidade que transgride, que é capaz de cometer um crime. Outro aspecto é a reprodução do hábito alimentar de comer chocolate, associado ao estado psicológico de estar em depressão, onde o doce age como agente de prazer, amenizador da frustração a que a personagem está sendo submetida. Há aí uma relação entre saciedade, tanto do corpo biológico, pela sensação do gosto doce na boca, quanto do corpo intelectual, que a mesma sensação é capaz de saciar. Pode-se ainda comparar a figura gorda da personagem a um elefante de circo, que é gordo, ao mesmo tempo dócil, e trabalha preso no circo em troca de comida. Isto porque seguindo o enredo, Almira é presa em decorrência de sua voracidade transgressora e acaba por satisfazer seu corpo gordo no trabalho na prisão em troca da satisfação oral de saborear chocolates.

Para falar especificamente das personagens femininas de C.L. podemos ver retratadas muitas vezes a mulher que serve a comida, mas não come. Por outro lado estas mulheres comem o mundo e produzem textos. Produzir textos, esta é a busca de C.L. pelo alimento que evoca através dos mesmos. Textos que são tempestades cerebrais, que não enquadram-se em tipologias textuais. Textos que anseiam por liberdade. Textos que comem outros textos e que comem a si mesmos, que têm sabor, que despertam sensações. Textos que são apropriações de outros autores e da própria autora. Textos que são alimentados e alimentos. Textos que nutrem o corpo em suas diversas faces, textos que reconhecem a importância do “bio” e do intelecto. Textos que são corpos. Corpos que (se) comem. Texto que é arte. E arte que é vida.

#### Notas

1. "A arte moderna ensinou-nos a deixar a tradição, isso deve ensinar-nos a romper com a tradição da arte moderna".DIETER KOPP, In "O Enigma Pós-Moderno" de SEVCENKO, 1993, p.52.